



Educar em Revista

ISSN: 0104-4060

educar@ufpr.br

Universidade Federal do Paraná
Brasil

Matias Fleuri, Reinaldo

Educação intercultural, gênero e movimentos sociais no Brasil

Educar em Revista, vol. 21, núm. 2, 2003, pp. 121-136

Universidade Federal do Paraná

Paraná, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=155019882006>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Educação intercultural, gênero e movimentos sociais no Brasil

Intercultural education, genre and social movements in Brazil

Reinaldo Matias Fleuri*

RESUMO

Como vêm se construindo no Brasil processos sociais de garantia de igualdade de direitos e de direito à diferença nas relações étnicas, de gênero, geracionais, assim como nos campos da ecologia e do associativismo? Esta tensão entre igualdade e diferença, unidade e pluralidade se constitui na problemática central em torno da qual se configura o desenvolvimento das redes de cooperação científica e social, potencializado pelo Projeto Rizoma. Este projeto, constituído no âmbito do Plano Sul de Pesquisa e Pós-Graduação (financiado pelo CNPq e Funcitec em 2001-2003), foi mobilizado polissemicamente por quatro Núcleos de Pesquisa. Mediante suas atividades, que culminaram na organização de um seminário internacional, o Projeto Rizoma focaliza o caráter multidimensional e complexo da interação entre sujeitos de identidades culturais diferentes. Busca desenvolver concepções e propostas que favoreçam o enfrentamento dos conflitos sociais, na direção de superação das estratégias socioculturais geradoras de discriminação, de exclusão ou de sujeição que vêm se manifestando no mundo globalizado, nas relações entre nações, entre etnias, entre classes sociais, entre gerações, entre religiões, entre movimentos sociais e, de modo particular, nas relações interculturais e de gênero. As pesquisas e os debates desenvolvidos evidenciam novas perspectivas epistemológicas que permitem o entendimento do hibridismo e da ambivalência, ou seja, dos contextos intersticiais que consti-

* Doutor em Educação. Professor do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Coordenador do Projeto Rizoma, financiado no âmbito do Plano Sul de Pesquisa e Pós-graduação pelo CNPq/Funcitec. Este artigo foi elaborado com base no Projeto *Educação intercultural e movimentos sociais: cidadania e reconhecimento identitário no sul do Brasil* (CNPq/Funcitec). A formulação e o desenvolvimento deste projeto contou com a colaboração de Ilse Scherer-Warren, Miriam Pillar Grossi, Dalila Maria Pedrini e Iara Maria Chaves. fleuri@ced.ufsc.br

tuem os campos identitários, subjetivos e coletivos, nas relações e nos processos interculturais.

Palavras-chave: educação intercultural, gênero, movimentos sociais, economia solidária, identidade, diferença, mediações.

ABSTRACT

How had been built, in Brazil, the social processes of assurance of equality rights and for the right of difference in relation to ethnic, genre and intergeneration relationship, as well in the fields of ecology and of associative organizations? This tension between equality and difference, unity and plurality consists the central problematic related to the development of scientific and social cooperation webs, which potentiality increases with the Projeto Rizoma. This project is constituted in the area of South Plan of Research and Post-graduation (financed by CNPq and Funcitec in 2001-2003), and had been developed in a polissemic way by four Research core. The Projeto Rizoma, whose activities culminated in the realization of a international conference, focuses the multidimensional characteristic of the interaction complex among people of different cultural identities. This project also tries to develop conceptions and proposals that help to face up to social conflicts, and address the overcoming of social and cultural strategies that create discrimination, exclusion or subjecting, that can be seen manifested in the recent globalization, in the relationship among nations, among ethnical groups, among social classes, among generations, among religions, among social movements, and, in a particular way, in the intercultural relations of genre. The research and debates already developed, shown news epistemological perspectives that perceives the comprehension of hybridism and ambivalence, in other words, the inner contexts that constitutes the identity field, subjective an collective ones, in intercultural relations and processes.

Key-Words: intercultural education, genre, social movement, economic solidarity, identity, difference, mediations.

Introdução

O debate sobre as relações multiculturais e interculturais na educação e nos movimentos sociais é bastante recente no Brasil, assimilando inicialmente elementos dos estudos que vêm se elaborando na Europa e na América do Norte. Trata-se de um debate complexo, em que interagem diferentes vertentes teóricas e políticas e em que é preciso manter o foco sobre a especificidade das relações culturais em nosso contexto brasileiro.

A constituição interétnica no Brasil decorre de grandes fluxos migratórios ligados principalmente a dois ciclos econômicos anteriores. Primeiro, no processo de colonização, em que a implantação do modo de produção capitalista na América Latina se deu com base na exploração da mão-de-obra escrava. As populações indígenas, dada sua resistência à submissão escravista, foram dizimadas ou expulsas para o interior do território e, em seu lugar, foram trazidos à força grandes contingentes de população de origem africana. Os preconceitos racistas que discriminam os negros e excluem os índios no Brasil têm suas raízes neste contexto histórico-social da sociedade colonial escravocrata.

O segundo fluxo migratório foi produzido em nível internacional, a partir do século XVIII, pelas mudanças das relações de produção ocorridas com a revolução industrial, que tornaram obsoletas e antieconômicas as formas escravistas de exploração do trabalho. As forças econômicas e políticas dominantes das ex-colônias passaram a promover a migração de trabalhadores livres, que viviam em condições desfavoráveis nos países industrializados, para sustentarem, como mão-de-obra mais qualificada, o novo surto de desenvolvimento econômico capitalista nos países periféricos.

O Brasil, assim como outros países das Américas, acolheu, entre meados do século XIX e meados do século XX, um enorme contingente de imigrantes provenientes da Europa, Ásia e Médio Oriente. Os diferentes grupos de novos imigrantes passaram a viver processos de conflito, assimilação e integração, tanto entre si quanto em relação aos grupos étnicos descendentes de indígenas, portugueses e africanos. Tais relações interétnicas deixaram marcas profundas nas relações socioculturais que se dão hoje em nosso território.

As relações interculturais e interétnicas no Brasil constituíram-se, pois, a partir de conflitos inerentes aos ciclos econômicos da expansão colonialista, iniciada no século XVI, assim como a partir das revoluções industriais do

século XVIII-XIX, que determinaram o fluxo migratório na direção Norte-Sul. Enquanto que hoje, na Europa, os conflitos multiculturais emergem principalmente a partir dos fluxos migratórios produzidos na direção Sul-Norte, pelo rearranjo econômico internacional que vem se desenvolvendo no período posterior à Segunda Guerra Mundial e que vem se acelerando e complexificando com o recente processo de globalização econômica. Assim, é nos países mais industrializados do hemisfério Norte, que emerge nas últimas décadas o debate e a formulação de políticas relativas às relações multiculturais, pois que nestes países os recentes fluxos de imigrantes provenientes de países do Sul têm colocado problemas de relação entre os estrangeiros e as populações autóctones. Já no Brasil e na América Latina, os conflitos de natureza étnica e cultural são hoje menos explícitos, porque sedimentados em momentos históricos anteriores.

No contexto europeu, portanto, os estudos e propostas de educação multicultural e intercultural têm sido elaborados em estreita relação com a presença de imigrantes que, em quantidade cada vez mais maciça desde os últimos cinquenta anos, buscam inserir-se no mercado de trabalho e na vida social de vários países. Pela própria natureza de sua origem, a educação intercultural tem como finalidade promover a integração entre culturas, a superação de velhos e novos racismos, o acolhimento dos estrangeiros e, particularmente, dos filhos dos imigrantes na escola.

Estimulado, entretanto, por diferentes movimentos sociais, o debate europeu sobre a *Educação Intercultural* envolveu campos de reflexão e de intervenção que ultrapassaram progressivamente o caráter emergencial do problema de inserção dos imigrantes. Entrou no coração das temáticas ligadas à formação da identidade, à valorização das diferenças, à configuração e à função que assume hoje o sentido de coletividade, em sociedades complexas. Tal deslocamento de perspectiva traz conseqüências para a elaboração dos métodos e das técnicas de ação pedagógica e de transmissão da cultura oficial.

Na realidade brasileira, a dimensão intercultural se reveste de significados específicos. Colonialismos e migrações, dominações e convivências têm induzido profundos processos de aculturação: fusões sincréticas e violentas e perdas de identidade cultural encontram-se na própria formação da sociedade brasileira e foram objetos de análise por parte de numerosos pesquisadores que procuraram reconstruir em chave histórico-antropológica os desdobramentos e os multiformes resultados dos contatos – espontâneos ou forçados – que se verificaram entre os diversos grupos. O fato de que o encontro/confronto entre culturas diferentes configura as própri-

as raízes da formação social brasileira e que os processos de integração tenham historicamente acontecido com profundidade, coloca o enfoque intercultural aplicado a esta realidade em um quadro de referência mais geral: a orientação das formas de relação entre grupos étnicos diferentes e as propostas de enfrentamento dos conflitos nelas emergentes vai muito além da atenção ao acolhimento dos estrangeiros, como a educação intercultural tem priorizado na Europa.

Mesmo sem desconsiderar a existência, também no Brasil, de graves fenômenos de racismos, de discriminação étnica e social, de fechamento ao diferente, coloca-se em primeiro plano a importância de conhecer – com a finalidade de orientar a prática pedagógica – os complexos itinerários de formação e produção cultural que percorrem contextos já fortemente miscigenados, de modo particular os que se caracterizam por graves problemas sociais. Trata-se de problematizar a imagem de *democracia racial* no Brasil ou de *melting pot* (caldeirão étnico), que acoberta grande parte da conflitividade das relações interculturais em nosso contexto, assim como enfraquece o enorme potencial que pode advir do confronto e da interação crítica entre diferentes grupos culturais.

Nesta perspectiva, os agentes – institucionais ou não – podem encontrar na dimensão intercultural instrumentos indispensáveis para promover a formação da auto-consciência – e portanto de presença e ação – em sujeitos que vivem em ambientes marginalizados (rurais e urbanos). E os movimentos sociais, que exprimem a vitalidade com que as classes populares (assim como os grupos que as apóiam) enfrentam os profundos problemas estruturais na América Latina, podem amadurecer novos níveis de consciência, focalizando, na própria reflexão e na própria prática, a dialética identidade/alteridade, como eixo sobre o qual gira a coesão interna e a solidariedade, a capacidade de distinção e de luta, ao lado da possibilidade de integração emancipatória com outros grupos sociais.

A discussão entre diversidade cultural e democracia compreende um conjunto amplo de problemas que vêm se colocando na relação entre cultura e política em contextos regionais da sociedade globalizada. Trata-se das múltiplas frentes e arenas nas quais se desenvolvem as lutas por inclusão e reconhecimento das diferenças de grupos socioculturais determinados. O que se quer dizer é que as questões colocadas seja pelas disputas étnicas, geracionais, de classe, de gênero, seja pelo multiculturalismo e mesmo por grupos que buscam a validação pública de novos padrões de comportamento apresentam um cerne comum: todos eles colocam em questão os

limites da cidadania moderna fundada na garantia formal de igualdade entre diferentes indivíduos.

Não apenas a base individual da igualdade até então buscada fica colocada em xeque; o próprio desiderato igualitarista parece inadequado quando se trata da luta pelo reconhecimento de necessidades culturais e sociais específicas a determinados grupos. Assim, a questão central colocada em debate já não pode mais ser formulada nos termos da pergunta se as demandas pelo reconhecimento das diferenças devem ser aceitas. Trata-se de discutir como estas devem ser atendidas. Interessa saber até onde o reconhecimento das diferenças é justo, legítimo e possível no âmbito do estado constitucional de direito e no atual estágio de desenvolvimento socioeconômico do país.

Este debate tem um significado especial para a Região Sul do Brasil, constituído por imigrantes europeus, populações negras, indígenas entre outras, que em suas trajetórias históricas enfrentaram problemas de afirmação de suas particularidades culturais face à ideologia nacionalista de homogeneização cultural, e que criam várias formas de resistências através de seus movimentos.

Os processos migratórios internos produzem também impactos na questão da ocupação do território, gerando conflitos entre diferentes grupos sociais, étnicos e culturais, tais como: o conflito entre colonos e indígenas no Oeste de Santa Catarina e Sudoeste do Rio Grande do Sul, que estão na origem do Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra (MST) e de reconhecimento político da questão indígena.

No caso da questão de gênero, observa-se igualmente a emergência a partir dos anos 80, de um número considerável de grupos e organizações feministas que também reivindicam a implementação de políticas educacionais que favoreçam a afirmação de novos padrões de relações entre mulheres e homens.

Igualmente, na década de 80, emergem os movimentos ecologistas que através do questionamento da relação do homem com a natureza, disseminam novos valores na sociedade, demandando políticas de proteção ambiental e a inclusão da problemática ambiental nos currículos escolares.

A questão geracional toma vulto na Região Sul do Brasil, a partir da década de 90, com o crescimento de organizações de defesa dos direitos das crianças e adolescentes e dos de terceira idade.

Constata-se também nos últimos anos que valores e ideais antes presentes na história dos setores populares e que, por motivos vários, foram

sendo adormecidos, como a solidariedade, hoje ressurgem com vigor nas inúmeras e criativas formas de associativismo civil e econômico.

A economia solidária tem se tornado um foco crescente das atenções, além de um significativo campo de estudos, tanto pelo seu crescimento quanto pelo papel que vem desempenhando nos processos econômicos e sociais de vários países nas últimas décadas.

Esta proposta propicia diferentes modos de se organizar e resulta também em formas jurídicas diversas. Apresenta-se sob a forma de cooperativas, associações de trabalhadores proprietárias de empreendimentos econômicos, sociedade laborais, co-gestão, autogestão que, independentemente do seu estatuto jurídico ou do seu regimento interno, ou mesmo por força dos mesmos, são portadoras de elementos de economia solidária.

A economia solidária tem recebido nomes diversos, tanto nos vários países em que ocorre quanto pelos seus estudiosos. Ela tem sido chamada de economia social, popular, alternativa, solidária. Optamos aqui por identificá-la com este último adjetivo, por entender que a solidariedade, embora não esteja construída, é a referência norteadora do processo, a utopia que os grupos já se colocam, e que buscam atingir intuitivamente, além da sobrevivência.

Importa compreender em que medida o associativismo civil e a economia solidária, desenvolvidos no Sul do Brasil durante as décadas passadas e hoje, contribuíram e contribuem para a implementação de políticas públicas de interesse dos setores populares e excluídos da sociedade; e se têm buscado representatividade nas diversas instâncias de definição de políticas públicas (órgãos gestores e conselhos), na perspectiva de somar esforços e fortalecer as relações para a continuidade e a ampliação destas experiências.

Tem sido apontado na literatura das Ciências Sociais a relativa diminuição da influência, nas décadas recentes, das organizações tradicionais (especialmente as sindicais), em comparação a um aumento na formação de associações e movimentos baseados seja em identidades democráticas, em formas de solidariedade ou em identidades plurais. Todavia, ainda há pouca investigação sobre a abrangência destas formas associativistas em termos espaciais e temáticos; sua forma de relação com o Estado em termos de integração e autonomia; seu impacto no sistema político e na constituição de uma esfera pública. Torna-se necessário aprofundar o debate acerca do papel do associativismo na renovação das ações coletivas e da cultura política no país.

A rede Rizoma

No bojo do processo recente de democratização e de consolidação de um espaço público no Brasil, diferentes grupos e movimentos sociais reivindicam a correção de injustiças, propondo a implementação de políticas públicas, sobretudo políticas educacionais, que permitam a construção de um contexto político para a afirmação de identidades culturais historicamente combatidas.

Trata-se, portanto, de se buscar entender como vêm se construindo, no Brasil, processos sociais de garantia de igualdade de direitos e de direito à diferença nas relações étnicas, de gênero, geracionais, assim como nos campos da ecologia e do associativismo. Esta tensão entre igualdade e diferença, unidade e pluralidade se constitui na problemática central em torno da qual se configura a o desenvolvimento da rede de pesquisa, que apelidamos de Rizoma.

O projeto Rizoma ganhou uma institucionalidade no âmbito do Plano Sul de Pesquisa e Pós-Graduação (financiado pelo CNPq e Funcitec no período 2001-2003) e é sustentado polissemicamente por quatro Núcleos de Pesquisa,¹ cada um com sua história e com sua identidade. A perspectiva intercultural, que expressa polifonicamente os sentidos traçados por esta rede, reconhece o caráter multidimensional e complexo da interação entre

1 O processo de pesquisa, nestes dois anos, envolveu quatro núcleos de pesquisa, atualmente com 56 integrantes, cada um com seu objetivo específico, articulado a Projetos Integrados de Pesquisa de cada Núcleo envolvido. O *Núcleo Mover*, da UFSC, desenvolve o Projeto Integrado de Pesquisa *Educação intercultural: desafios e perspectivas da identidade e da diferença cultural em práticas educativas e movimentos sociais no Brasil* (financiado pelo CNPq, 2002-2004). O *Núcleo de Pesquisa em Movimentos Sociais* (NPMS), da UFSC, desenvolve o Projeto Integrado de Pesquisa *Associativismo Civil na Região da Grande Florianópolis* (financiado pelo CNPq, 2002-2004). Estuda os processos de formação das ações coletivas, movimentos sociais, grupos associativistas e outros grupos, considerando suas orientações político-culturais, identidades/alteridades, projetos/mentalidades utópicas, bem como tipos de militância e estratégias sociais. O *Núcleo de Identidade, Gênero e Subjetividade* (Nigs), da UFSC, vem desenvolvendo pesquisas relacionadas aos *Estudos de Gênero e Metodologia de Pesquisa*, consolidados em torno de quatro grandes eixos: parentesco, família e novas tecnologias de reprodução, gênero e história das ciências humanas, gênero e educação, feminismo e novos movimentos sociais. O *Núcleo de Estudos, Pesquisas e Extensão sobre Movimentos Sociais* (Nepemos), da FURB, desenvolve os projetos *Associativismo Civil em Blumenau e Economia Solidária do Médio Vale do Itajaí* (financiado pelo Pibic/CNPq e Pipe/FURB).

sujeitos de identidades culturais diferentes. Busca desenvolver concepções e propostas que favoreçam o enfrentamento dos conflitos sociais, na direção de superação das estratégias socioculturais geradoras de discriminação, de exclusão ou de sujeição que vêm se manifestando no mundo globalizado, nas relações entre nações, entre etnias, entre classes sociais, entre gerações, entre religiões, entre movimentos sociais e, de modo particular, nas relações de gênero.

Os estudos mais recentes estão abrindo uma nova perspectiva epistemológica que aponta para a compreensão do hibridismo e da ambivalência, que constituem as identidades e relações interculturais. Assim, nossa atenção volta-se mais precisamente para a busca de entendimento dos contextos intersticiais que constituem os campos identitários, subjetivos e coletivos, nas relações e nos processos interculturais. Nesta perspectiva, as relações entre povos e entre culturas vêm se configurando como um objeto de estudo interdisciplinar e transversal, no sentido de tematizar e teorizar a complexidade e a ambivalência dos processos de elaboração de significados nas relações intergrupais e intersubjetivas, constitutivos de campos identitários. O objeto de nosso debate, assim, constitui-se transversalmente às temáticas da cultura, do gênero, da educação e dos movimentos sociais.

A articulação da rede Rizoma iniciou-se, de fato, com a elaboração do projeto em outubro de 1999, logo após a aprovação da carta-consulta, iniciando suas atividades logo da comunicação da aprovação do projeto em março de 2000, o qual articulou-se em torno dos seguintes objetivos: investigar as relações interculturais entre diferentes grupos sociais na região Sul do Brasil; estudar processos de construção de cidadania e de reconhecimento social, focalizando as tensões entre igualdade e diferença, unidade e pluralidade que se configuram nos movimentos sociais; formular possibilidades de enfrentamento destas tensões na perspectiva de educação intercultural.

Neste sentido, a constituição da rede Rizoma potencializou os projetos e subprojetos de Pesquisa desenvolvidos pelos núcleos integrantes da rede (Mover, Nigs, NPMS, Nepemos) na medida em que facilitou sua articulação em torno dos objetivos do Rizoma, realizou sete seminários presenciais da equipe, assim como as várias atividades acadêmicas para a discussão de questões relativas aos referenciais teórico-metodológicos e ao andamento das pesquisas, criou bases informatizadas de comunicação (<http://www.rizoma.ufsc.br> e rederizoma@grupos.com.br) e de banco de referências (<http://notes.ufsc.br/aplic/cfh.nsf/>), realizou um seminário interna-

cional em abril de 2003 (<http://www.rizoma.ufsc.br/semint/semint.htm>) com o objetivo de consolidar e ampliar parcerias interinstitucionais e internacionais.

O principal objetivo deste Projeto de Rede tem sido o de construir as mediações entre os trabalhos e @s pesquisador@s² integrantes dos núcleos do Rizoma. Os sete Seminários Rizoma realizados, assim como os seminários de pós-graduação e os encontros de formação d@s bolsist@s, proporcionaram um avanço significativo em termos do conhecimento recíproco entre @s pesquisador@s dos diferentes núcleos, o estudo e a discussão das temáticas e dos referenciais teóricos desenvolvidos, o desenvolvimento de metodologias pedagógicas facilitadoras da interação entre sujeitos e culturas diferenciadas.

De modo particular, os Seminários Rizoma favoreceram a explicitação e a discussão das diferenças epistemológicas entre as áreas da Sociologia, Antropologia, do Serviço Social e da Educação. De certo modo, cada núcleo pode aprender com os outros, tanto os diferentes enfoques teórico-metodológicos desenvolvidos em cada área de conhecimento, quanto interpenetrar os diferentes problemas de pesquisa.

De certa forma, @s pesquisador@s dos quatro núcleos foram incorporando o cuidado com as questões de gênero, trazido principalmente pelo Nigs: os estudos relativos à construção das identidades promovidos pelos movimentos sociais, desenvolvidos pelo NPMS; o enfoque da economia solidária e dos movimentos sociais locais, aportado pelo Nepemos; a preocupação com a dimensão epistemológica da produção do conhecimento nos processos educativos, assumida pelo Mover. Se estes desafios e enfoques de pesquisa já estavam presentes anteriormente nos quatro núcleos, agora, com o desenvolvimento das suas inter-relações em rede, tais questões e perspectivas adquiriram consistência e visibilidade na medida em que circulam intensamente entre as pesquisas e os grupos. Tal inter-relação torna-se explícita nos próprios subprojetos de pesquisa que vem incorporando a multirreferencialidade e a complexidade dos enfoques teórico-metodológicos.

Já os temas de movimentos sociais, gênero, educação e associativismo civil não são exclusividades de um ou de outro núcleo, mas perpassam os objetos de pesquisa dos vários grupos. Da mesma forma, metodologias de pesquisa e pedagógicas de diferentes perspectivas estão sendo incorporadas nos diversos processos de pesquisa. O processo desenvolvido até este

2 O “@” está sendo utilizado na terminação de algumas palavras para indicar simultaneamente o gênero masculino e feminino.

momento pelo Rizoma parece estar enfrentando agora os desafios mais profundos colocados pela própria interdisciplinaridade e pela própria interculturalidade, que caracterizam o trabalho em rede. Estes são as questões que estão sendo tematizadas e enfrentadas como objeto de estudo e de debate pelo Rizoma.

No decorrer dos últimos dois anos (2001-2003) foram realizados, no âmbito dos núcleos que compõem a rede Rizoma, estudos teórico-empíricos sobre as relações interculturais entre diferentes grupos sociais na região da grande Florianópolis, focalizando o estudo sobre as representações sociais entre “estabelecidos” e “outsiders” e os conflitos vividos por migrantes vindos da região do oeste catarinense e de outros estados, bem como as tensões enfrentadas pelas populações indígenas e afrodescendentes.

De modo particular, o NPMS e o Nepemos vêm desenvolvendo estudos sobre os processos de formação das ações coletivas, movimentos sociais e grupos associativistas. Tais estudos têm focado as orientações político-culturais, a construção de identidades/alteridades e de projetos/mentalidades utópicas, assim como os tipos de militância e estratégias sociais desses atores. Nesse sentido, foi realizado o levantamento e cadastramento de associações civis em Florianópolis e Blumenau no período de 1930 a 2000, além de pesquisa de caráter quantitativo (questionários) e qualitativo (entrevistas e observação participante). A partir da codificação das informações e do material empírico, foram constituídos 20 tipos de associações civis, que estão sendo analisados com o objetivo de traçar a evolução e transformação do fenômeno associativista local e comparar com o associativismo em Blumenau/SC e estabelecer o perfil associativista em ambas regiões.

A constituição das relações de gênero e as lutas de grupos identitários formam uma outra linha das pesquisas desenvolvidas principalmente pelo Nigs no âmbito do projeto Rizoma. Neste período, deu-se continuidade aos trabalhos de pesquisa, consolidados em torno de quatro grandes eixos: parentesco; família e novas tecnologias de reprodução; gênero e história das ciências humanas; gênero e educação; feminismo e novos movimentos sociais. No campo da Educação e extensão universitária foram desenvolvidas oficinas junto a movimentos populares, sindicatos e escolas de ensino médio e fundamental, ministrando oficinas e mini-cursos de gênero. No campo da relação com os movimentos sociais foram organizados ainda importantes eventos sobre Ecologia do Parto e Nascimento, Parto e Cidadania, Famílias gays, Antropologia e Cidadania, bem como um encontro das Publicações Feministas, com o objetivo de oferecer uma oportunidade

de aprofundamento da temática por profissionais, estudantes e demais interessados.

A análise das tensões e conflitos dos grupos identitários e associações civis a partir da perspectiva do multiculturalismo e da educação intercultural têm se constituído como um novo desafio para os núcleos que compõem a rede Rizoma. Neste sentido, o processo de pesquisa, promovido principalmente pelo Mover, evidencia a busca de conceituar epistemologicamente a perspectiva intercultural da educação, focalizando – inicialmente sob a óptica da teoria da complexidade – as relações interétnicas e intergeracionais nas práticas educativas escolares e nos movimentos sociais, tendo em vista a elaboração de subsídios teórico-metodológicos para a formação de educadores. A educação intercultural focaliza os problemas de relação, integração e conflito entre diferentes culturas a partir de enfoques de gênero, etnia, classe, gerações, religiões e outros no processo de globalização contemporâneo.

Entre os resultados deste processo de pesquisa em rede, além da significativa produção bibliográfica dos núcleos integrantes, destaca-se a promoção do II Seminário Internacional de Educação intercultural, gênero e movimentos sociais, sobre o tema Identidade, Diferença e Mediações, realizado no período de 08 a 11 de abril de 2003, na cidade de Florianópolis.

A promoção de um seminário internacional foi a estratégia criada pelo Rizoma para dar organicidade às diferentes ações que vem desenvolvendo, ao mesmo tempo em que se estabelecem relações e cooperação com outros grupos, instituições e movimentos sociais.

A estrutura deste evento foi idealizada com o objetivo de oportunizar um debate com base em três momentos.

Por primeiro, as mesas-redondas, com a participação de 25 pesquisador@s e líderes sociais, focalizaram alguns dos temas que vêm interpelando nossa prática social e desafiando nossa inteligência e criatividade.

Segundo, as oficinas temáticas, que constituíram o núcleo vital deste evento. Os 336 trabalhos propostos por 504 autor@s e co-autor@s oriund@s de movimentos sociais e de instituições acadêmicas, foram discutidos de modo interativo e criativo, com a colaboração de 155 coordenador@s, debatedor@s e relator@s. As produções destes grupos de trabalho criaram informações, reflexões e propostas que contribuíram para dar visibilidade aos novos modos de mobilização emergentes no mundo de hoje.

Em terceiro lugar – por último, mas não na importância – realizaram-se encontros de redes, com o objetivo de elaborar sínteses sobre os trabalhos desenvolvidos durante o seminário e de apontar caminhos emergentes no âmbito das relações/tensões socioculturais e econômicas no atual contexto.

Este evento se configurou como um encontro de elaboração de conhecimentos e não apenas de divulgação. Diante da surpreendente resposta à chamada de trabalhos, em que foram oferecidos cerca de 650 propostas, por aproximadamente 1000 autor@s, enviam-se esforços por criar uma dinâmica intensa de diálogo de autor@s de pesquisas e protagonistas de experiências. E procurou-se também assegurar – juntamente com a excelência e a viabilidade do evento – o compromisso para com tod@s @s outr@s autor@s, assim como para tod@s @s interessad@s que não foi possível acolher presencialmente no seminário. Desta forma, disponibilizaram-se na homepage do Rizoma todos os trabalhos discutidos neste evento e foram sistematizados e publicados todos os resultados do seminário.

Deste modo, o evento permitiu aglutinar e discutir as pesquisas e práticas mais avançadas neste campo temático, de modo que se possa constituir um *estado da arte* atualizado.

Considerações finais

O processo de articulações entre pesquisadores e agentes de movimentos sociais, potencializado pelo projeto Rizoma, permitiu tematizar um dos focos essenciais das práticas educativas e dos movimentos sociais: as tensões e mediações entre identidade e diferença, unidade e pluralidade, equidade e relações de poder, que se configuram nas relações de gênero, de etnias, de gerações, de grupos, em suas dimensões social, política, econômica, cultural, ecológica. Evidenciam-se novas perspectivas epistemológicas que permitem o entendimento do hibridismo e da ambivalência, ou seja, dos contextos intersticiais que constituem os campos identitários, subjetivos e coletivos, nas relações e nos processos interculturais.

O surpreendente interesse manifestado pela ampla e intensa participação de pesquisadores, na sua grande maioria vinculados a movimentos so-

ciais, no Seminário Internacional proposto pelo projeto Rizoma, evidencia a pertinência e a atualidade da problemática enunciada: identidade, diferença e mediações no campo dos movimentos sociais, das relações interculturais e de gênero.

Entre os múltiplos resultados constituídos pelo projeto Rizoma, dois se destacam pela sua amplitude e relevância: de um lado, o significativo acervo de produção teórica construído e sistematizado, que serve de referência para a continuidade de diferentes estudos, assim como de amostragem para a análise do estado da arte da atual produção teórica no Brasil sobre a temática focalizada; de outro lado, a múltipla trama de relações de cooperação científica em rede, que foi alimentada e potencializada pelos eventos promovidos pelo Projeto de Rede Rizoma. De modo particular, o Seminário Internacional configurou-se como uma preciosa ocasião para consolidar e ampliar as redes de cooperação científica e social que vêm se tecendo a partir de percursos de vários grupos, cujos projetos vêm se entrelaçando microfisicamente, cotidianamente. É como uma trama de caminhos sulcados pelos passos dos viandantes, que vêm de vários lugares e vão em diferentes direções, marcando pontos de encontro e traçando diversos roteiros, descortinando novos horizontes, alimentando utopias que fazem acontecer. Como diz a canção, “sonho que se sonha junto se faz realidade!”.

REFERÊNCIAS

- AVRITZER, L. (Org.). *Sociedade civil e democratização*. Belo Horizonte: D'el Rey, 1994.
- BATESON, G. *Mente e natureza*. A unidade necessária. Tradução de: Claudia Gerpe. Rio de Janeiro: F. Alves, 1986.
- _____. *Verso un'ecologia della mente*. Tradução de: Giuseppe Longo. Milano: Adelphi, 1976. Original inglês.
- BOCCHI, G.; CERUTI, M. (a cura di). *La sfida della complessità*. Milano: Feltrinelli, 1985.
- BUSQUETS, M. D. et al. *Temas transversais em educação*. São Paulo: Ática, 1998.
- CASTELLS, M. *The information age: economy, society and culture*. Londres: Blackwell Publishers, 1997. v. 1-3.

CORTINA, A. *Ciudadanos del mundo: hacia una teoría de la ciudadanía*. Madrid: Alianza, 1997.

COSTA, S.; WERLE, D. L. Reconhecer as diferenças: liberais, comunitaristas e as relações raciais no Brasil. Paper, 1997.

FALTERI, P. Interculturalismo e culturas no plural. In: FLEURI, R. M. (Org.). *Intercultura e movimentos sociais*. Florianópolis: Mover/NUP, 1998. p. 33-44.

FLEURI, R. M. (Org.). *Intercultura e movimentos sociais*. Florianópolis: Mover/NUP, 1998a. 216 p.

_____. Educação popular e complexidade. In: COSTA, M. V. *Educação popular hoje*. São Paulo: Loyola, 1998b. p. 99-122.

_____; FALTERI, P. Rizoma – Educação intercultural: linhas de um percurso de cooperação científica. In: FLEURI, R. M.; FANTIN, M. (Orgs.). *Culturas em relação*. Florianópolis: Mover, 1998. 111 p.

GADOTTI, M.; GUTIÉRREZ, F. (Orgs.). *Educação comunitária e economia popular*. São Paulo: Cortez, 1993.

GAIGER, L. I. A economia solidária no RS: viabilidade e perspectivas. *Cadernos Cedope*, ano 10, n. 15, 1999.

GOHN, M. da G. *Teoria dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos*. São Paulo: Loyola, 1997.

KOWARICK, L. (Org.). *As lutas sociais e a cidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1994.

LISBOA, A. de M. A economia popular como horizonte para sociedades sem rumos. *Tempo e Presença*, Rio de Janeiro, n. 288, jul./ago. 1996.

MACLAREN, P. *Multiculturalismo crítico*. Tradução de: Bebel Orofino Schaefer. São Paulo: Cortez, 1997.

MORIN, E. Le vie della complessità. In: BOCCHI, G., CERUTI, M. (a cura di). *La sfida della complessità*. Milano: Feltrinelli, 1985. p. 49-60.

MOUFFE, C. O regresso do político. Tradução de: Ana Cecília Simões. Lisboa: Gradiva, 1996.

NANNI, A. *L'educazione interculturale oggi in Italia*. Brescia: EMI, 1998.

PEDRINI, D. M. *Entre laços e nós*. Associativismo - Autogestão - Identidade Coletiva. São Paulo, 1988. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica.

SADER, E. *Quando novos personagens entram em cena*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SANTOS, B. de S. Por uma concepção multicultural de direitos humanos. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 48, jun. 1997.

_____. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 1995.

SCHERER-WARREN, I. *Cidadania sem fronteiras: ações coletivas na era da globalização*. São Paulo: Hucitec, 1999a.

_____. Redes e espaços virtuais: uma agenda para a pesquisa de ações coletivas na era da informação. *Cadernos de Pesquisa*, Florianópolis, n. 11, 1997.

_____; KRISCHKE, P. (Orgs.). *Uma revolução no cotidiano? Os novos movimentos sociais na América Latina*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

SEPPILLI, T. Antropologia medica: fondamenti per una strategia. *Rivista della Società italiana di antropologia medica*, Perugia, v. 1-2, p. 7-22, ott. 1996. (Editoriale).

SINGER, P. *Globalização e desemprego: diagnóstico e alternativas*. São Paulo: Contexto, 1998.

TAYLOR, C. *Multiculturalisme: différence et démocratie*. Princeton: Princeton University Press, 1992.

TOURAINÉ, A. *¿Podremos vivir juntos?* Tradução de: Horacio Pons. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1997.

VIEIRA, L. *Cidadania e globalização*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

YUS RAMOS, R. Temas transversais: a escola da ultramodernidade. *Pátio*, ano 2, n. 5, p. 8-11, maio/jul. 1998.

Texto recebido em 25 maio 2003

Texto aprovado em 05 set. 2003